

## ECLIPSE<sup>1</sup>

---

Caros leitores, vocês perceberão que nas próximas linhas serei extremamente bem-sucedido em profanar todo e qualquer formato, regra e estilo utilizado para um artigo acadêmico. Perceberão que entre algumas formas de manifestar minha arte, a escrita é a última do *ranking*. Talvez esse ensaio soe mais como uma amadora autobiografia.

Meu processo artístico começou bem despreziosamente. Muito cedo. Talvez fosse mais uma busca por identidade do que uma real consciência artística.

Desde os primeiros anos, a forma de manifestação artística escolhida foi o desenho. Grafite, canetinhas e folhas de sulfite deram margem às primeiras expressões.

Copiar trechos de revistas em quadrinhos já me traziam vislumbres de qual seria a minha escolha profissional. Nas viagens a trabalho, meu pai me levava junto. Ele era vendedor e viajava para diversas cidades do interior de São Paulo para visitar clientes. Enquanto realizava as visitas, eu ficava no carro esperando e copiando as revistas em quadrinhos. Eu ainda tinha pouca ideia do rumo a que esses desenhos me levariam, mas aos poucos o amor pela arte foi se formando e a certeza do que eu gostaria de fazer profissionalmente. Publicidade. O começo do amor pela música,

---

1 Com uma trajetória de duas décadas de dedicação ao rap e ao ativismo social, o músico cadeirante Billy Saga é considerado, atualmente, um dos mais autênticos e combativos rappers a abordar, nas entrelinhas de suas músicas com temas diversos, o direito das pessoas com deficiência. As letras de Billy trazem à tona o tema da resistência, com a reflexão sobre o combate à exclusão social, historicamente ressaltada pelo racismo, preconceito e violência às minorias desfavorecidas. Em 1998, Saga foi atropelado por uma viatura da Polícia Militar, que passou no semáforo vermelho. No acidente, teve sua coluna fraturada em três lugares e ficou paraplégico. Desde então, passou a se dedicar ao processo de inclusão, sensibilizando a sociedade sobre os direitos das pessoas com deficiência, unindo o rap à sua luta. Ele é presidente da ONG Movimento SuperAção, criada por ele e por amigos em 2003 para desenvolver uma estratégia de ação e mobilização social baseada na militância, estimulando o trabalho em rede com organizações ligadas à defesa das pessoas com deficiência. O músico realizou a sua primeira turnê internacional em setembro de 2016, com a qual percorreu as cidades inglesas de Londres, Bristol e Newcastle para o lançamento de seu segundo disco solo *As Ruas Estão Olhando*, com o selo Vida Loka Produções, em parceria com o selo social CoMusica Arches e Youth Music – organização sem fins lucrativos que atua em projetos musicais com população jovem de baixa renda. Saga já realizou mais de 150 apresentações de Teatro na Oficina dos Menestréis, organizou cerca de 30 eventos socioculturais em militância pelo direito das pessoas com deficiência, pelo Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e na Argentina, em Santa Fé e San Justo. Billy Saga é tricampeão da Batalha Racional de Freestyle. Email: billysaga@gmail.com

outra forma artística que eu manifestaria mais pra frente, veio através das fitas K7 que eu ouvia também nessas viagens. Entre Chico Buarque, Tim Maia, João Nogueira, eu rabiscava minhas ilustrações numa prancheta com sulfite. No Natal deste ano, pensei em pedir uma prancheta profissional de desenho, mas como eu sabia que era caro e isso esfolaria meu pai, pedi uma fita K7 – Aquarela, do Toquinho. Demorou alguns anos, mas a prancheta veio em um Natal posterior.

O tempo passava, as viagens com o meu pai seguiam e o amor pelo desenho e pela música também.

Eram comuns caricaturas de amigos, personalidades e de políticos da época. Em meio a uma campanha à Presidência, a primeira após as “Diretas já!”, eu rabiscava caricaturas. Sem saber, nascia naquelas caricaturas, em tom de sátira aos presidenciáveis, um viés crítico em minha expressão artística. Talvez fosse uma premonição.

Terminei o que seria o atual ensino fundamental. Me matriculei em um colegial técnico em publicidade. Naquela época a tecnologia era escassa. Aprendíamos a fazer *rafes* (rascunhos) das peças publicitárias e o *layout* final. Tudo era feito à mão. No papel canson. Desenvolvíamos várias técnicas como nanquim, ecoline, entre outros.

Até aqui, estou me reservando a resgatar o meu desenvolvimento técnico em artes, mas hoje entendo que a arte está presente em nossa essência desde o nosso nascimento. Todos, se estimulados, de uma forma ou de outra podemos nos tornar artistas. O que alguns têm é coragem para assumir a sua arte e mostrá-la ao mundo. Na área musical, por muito tempo escrevi e cantei apenas para mim. Não que hoje seja diferente – canto e escrevo essencialmente para mim, mas agora é no sentido de fazer o que eu acredito, independentemente do que os outros pensem. Naquela época era medo mesmo. Medo de me expor. Medo do ridículo. Uma década depois, com um diretor de teatro que se tornou um grande amigo, aprendi que o artista não pode temer o ridículo, ele já o é – e isso é dádiva.

Adquirir coragem para expressar a sua arte é uma das etapas mais importantes de um artista. É fundamental se assumir como um criador, pois é nesse momento que você se torna o mestre da sua arte e da própria vida. A grande mudança que percebi é que ao fazê-lo, dissolve-se a linha tênue entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação. O artista dificilmente sabe distinguir um corpo do outro. Ele simplesmente busca excelência em tudo que faz, deixando para os outros a decisão de julgar se está trabalhando ou se divertindo. O artista acha que está sempre fazendo as duas coisas simultaneamente. Só após me assumir como artista, o universo me trouxe as oportunidades, do grafitti às artes plásticas como um dos poucos artistas de Art De’VIA (arte surda) do país,

da música ao teatro, com uma turnê internacional para Inglaterra e um show na Argentina. Mas naquela época eu me contentava em mostrar minhas primeiras letras aos meus amigos da rua e da sala de aula. E nesse ritmo, eu mal sabia que estava preparando os elementos do elixir que seria a minha própria salvação.

Um amigo me apresentou dois vinis de um grupo de rap brasileiro chamado Racionais, que eram desconhecidos na época. Levei para casa e, ao ouvi-los, tive a sensação mais incrível da minha vida. Me identifiquei imediatamente com aquelas letras, aquele ritmo. A contundência daquela forma de manifestação artística despertou em mim um ímpeto revolucionário que qualquer psicólogo diria que era apenas rebeldia. Seria se isso não fizesse parte da minha vida até hoje. Naquela mesma semana, fui até a galeria 24 de maio e adquiri discos de diversos outros artistas do gênero. Escrevi a minha primeira letra de rap. Me senti empoderado e representado por aquele estilo de música e soube que aquela experiência mudaria para sempre a minha personalidade, estilo de vida e forma de expressão. E mudou. Rap é a trilha sonora da minha vida.

Das aulas de desenho do colegial, com o rap no último volume no diskman, bombardeado pelas teorias de marketing, comecei a enxergar quão cruel era o ofício da publicidade. Não cruel no sentido de ser uma profissão difícil, afinal, apesar de a percepção de dificuldade ser relativa, o que aprendíamos na faculdade é que ser um profissional bem-sucedido na publicidade nos proporcionaria frequentar as melhores festas, repleta de modelos e personalidades televisivas, ganhar prêmios em Cannes, ver nossas criações nas mídias mais caras do país. Mas o que me incomodava era o “vender a todo custo”. Já começava a entender quão manipulador e explorador é o sistema capitalista que cria o problema para nos vender a solução e que quem cria a estratégia de vendas dessa falsa solução é a publicidade. A ditadura dos padrões consumistas me incomodava tremendamente, talvez por ter vindo de uma classe mais periférica, ter sofrido as mazelas do preconceito pelas classes mais pobres e ter acabado de encontrar o meu *lifestyle* – um gênero que luta contra tudo isso – o hip hop.

Mas eu ainda tinha 15 anos e não me sentia seguro para uma guinada radical na minha escolha profissional.

Não precisei. A guinada veio da própria vida. Terminei o colegial, entrei na faculdade de publicidade. Nessa época eu trabalhava no banco e decidi sair para iniciar um estágio em uma agência de publicidade. No período de uma semana que tive de folga entre a rescisão no banco e o início na agência, eu decidi fazer um curso intensivo de computação gráfica em uma das poucas escolas que ofereciam essa técnica, pois era muito nova essa tecnologia no Brasil e eu queria me aprimorar para fazer a diferença

no novo emprego. No percurso à escola de computação, que eu fazia com minha moto, sofri um grave acidente que me tornou paraplégico. Foram três meses na UTI e uma vida nova daí em diante.

E é aqui que começa a saga que justifica o convite que recebi para escrever esse texto, nessa importante revista, pois daí em diante eu seria um artista e produtor artístico com deficiência. Essa história da minha saga já foi contada por diversos prismas, mas dessa vez o foco é a arte, então vou me abster dos detalhes que permeiam o acidente, o enfrentamento das novas barreiras, da própria reinvenção à luz piegas dos clichês e me reservarei a contar como a arte foi importante em todo o processo.

Como eu disse há pouco, a arte foi o elixir que me salvou, pois após o furdunço inicial na vida de um ser que sai um dia de casa de pé e volta para casa, 90 dias depois, sentado, com uma deficiência adquirida e irreversível, há uma certa comoção familiar e social. Mas a fase chá com bolachas, tapas nas costas e palavras de incentivo passa bem rápido e quando você menos imagina, entre relampejos de frases feitas de ajuda, desculpas verdadeiras, choros catárticos e introspecções e reformulações de todos os seus valores, muito antes do que você imagina, chega a hora de encarar a realidade excludente de frente.

Foi então que busquei uma passagem secreta nesse beco sem saída que é se tornar ou nascer com deficiência no Brasil. E essa passagem secreta chama-se Arte.

Comecei a estudar sobre diversos temas, nunca mais fiz um curso de computação (talvez por trauma), me tornei autodidata e hoje manuseio diversos softwares de edição de imagens e vídeo em nível avançado. Passei a direcionar minhas composições musicais para o tema da inclusão e militância pelos direitos das pessoas com deficiência. Incomodado com a segregação social vivida por essa parcela, que hoje compõe 24,5% da população brasileira, idealizei uma ação cultural de sensibilização da sociedade com a qual, através de eventos nas principais avenidas das maiores capitais do país, levando música, entretenimento e debatendo o tema da inclusão das pessoas com deficiência nos epicentros culturais do Brasil, buscamos sensibilizar a sociedade sobre os direitos das pessoas com deficiência e defender que a pessoa com deficiência protagonize esse processo de inclusão. Nessa linha de frente, tive a oportunidade de experimentar o papel de produtor artístico, executivo, de marketing, de palco, de elenco, em grandes eventos, no Brasil, por São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e na Argentina, em Santa Fé e San Justo.

Além, é claro, de largar minhas rimas em quase todas estas oportunidades. Desde a criação dessa estratégia de manifestação social em meados do novo milênio, tive que aprender a desenhar o projeto, captar

recursos, negociar com artistas, fornecedores, voluntários, autoridades políticas, formadores de opinião. Eu crio o conceito e o logo do evento, eu crio a estratégia de marketing. Eu diagramo as peças. Eu disparo os convites. Eu contato os fornecedores que instalam, afinam e operam o som, eu desenho e produzo a camiseta, que é distribuída gratuitamente para os participantes. Eu negocio com as empresas apoiadoras para exporem suas marcas em troca de lanches e água distribuídos, também gratuitamente, aos participantes. Eu negocio com a segurança, PM e CET. Eu incentivo os nossos voluntários. Eu convido as ONGs do segmento. Eu negocio com os grandes artistas, e já tivemos grandes empenhados na causa – Luis Melodia, Alcione, Marcelo Yuka, Sergio Loroza, Herbert Viana, Emicida, NX Zero, Baby do Brasil, entre outras dezenas de bandas pequenas. Eu sento na mesa com os secretários, prefeitos e autoridades públicas que tem o dever de estarem presentes e os convenço de que devem estar lá e se comprometerem com a causa. Eu entro na mente de diversos leigos e desavisados que participam de passagem em nossos eventos e dou um choque de realidade quando abro os olhos deles para a inclusão. Eu dou entrevistas e tento passar a importância do tema através dos meios de comunicação, muitas vezes sensacionalistas, que tentam colocar a pessoa com deficiência quase sempre como coitadinho ou super-herói, mas nunca equiparam as oportunidades. Eu tiro fotos. Eu sou fotografado. Eu canto. Eu falo. Eu grito palavras de ordem. Eu comemoro ao final e depois clipo tudo o que saiu na mídia para alimentar o site ou a *fanpage*. Eu sofro pois sei que é pouco o impacto macro (mudanças estruturais em massa e novas políticas públicas), apesar de termos exercido forte pressão na readequação da Avenida Paulista. Eu choro pois me emociono com o impacto micro, em cada pessoa que se sentiu representada, que se empoderou com a nossa luta. Muitos perguntam: “Mas você fez tudo isso sozinho?”. Muitas vezes sim. Por diversos anos foram poucos os que somaram. Em outros momentos, já cheguei a ter mais de cem voluntários comigo. Mas eu personifico toda essa luta. Em uma ocasião, em 2011, estive internado em um Hospital Público e adquiri uma infecção hospitalar que me manteve muito tempo dentro de um quarto, deitado em um leito. Com um notebook e um celular e alguns assistentes na rua, viabilizei um grande evento na Avenida Paulista. O meio e fim de toda essa catarse que criei, talvez para elaborar a fatalidade da guinada que a vida me reservou, sempre foi e sempre será a arte.

Ser artista me deu coragem para ser eu mesmo, quando o mundo todo quis me convencer que minha vida tinha acabado.

A maturidade me fez enxergar que hoje não luto apenas pela inclusão. Luto por um mundo mais humano, mais fraterno. Pois uma sociedade que consiga minimamente respeitar o limite do próximo será melhor

para todos. Para a pessoa com deficiência, para o gay, para o negro, para o idoso, para o obeso, para o bulímico, para o cristão, evangélico, muçulmano, macumbeiro, budista, para a mulher, para o homem, de esquerda ou de direita, para o são paulino, corinthiano, palmeirense, santista ou chapecoense, para o pobre, para o rico, para o honesto, enfim, para todos e todas. A diversidade sempre foi e sempre será. A intolerância é uma doença e na minha opinião a arte é a cura que tem o poder de sensibilizar e fomentar a reflexão sincera e humilde sobre nosso ego, que nos destrói. Destrói a todos.

Hoje sou pai de uma filha de 1 ano e 8 meses e sei que ainda falta muito para ela viver em uma sociedade inclusiva. Desde já eu semeio a arte em sua inocente e pura vidinha. A arte, mesmo quando melancólica e dramática, é alegria e estar alegre é estar em seu potencial máximo. É isso que quero para minha filha e é assim que conduzo a minha luta pela inclusão. De forma alegre. Sempre falo, nas preleções de cada evento, algo que aprendi com um mentor: “Estamos aqui por amor e por nossa escolha”. Mas muitas vezes me pego pensando o inverso: que talvez a arte não foi o que escolhi fazer, mas foi o que eu jamais conseguiria deixar de fazer. Mas por escolha ou necessidade, faria com alegria. A arte é um paradoxo.

E quando me convidam para falar sobre o tema “Produção, participação e formação cultural pela e para pessoa com deficiência”, digo que minha produção e participação transcendem a minha deficiência e a (trans) formação cultural que fomento é para todos. Somente com o foco em todos teremos possibilidades de estudar o universo artístico específico das pessoas com deficiência, pois elas estarão de fato inseridas no universo como um todo, que fomenta a arte e a criatividade. A falta de acesso à saúde, educação e cultura desencoraja a pessoa com deficiência a acessar seus dons e o seu potencial artístico.

Por isso, a diversidade da minha arte não tem tempo para conseguir parecer igual, tampouco prepotência para tentar ser diferente. Ela é o que é. Pertencer ao mundo do outro me faria perder a essência e originalidade. Me manter apenas no meu mundo me faria perder a inspiração. Ser um artista com deficiência não me faz ser menor, mas sim me aprimora naquilo em que posso ser melhor. E não deve ser esse o desafio de cada artista, de cada ser humano? Sair da caixa torna-se essencial, pois o movimento pode nos conduzir aos espaços de pertencimento, e os mecanismos de inclusão ganham outro sentido. É a sociedade que perde em não incluir a diversidade, não o contrário. Todos estamos encaixotados e com um rótulo, que, se atrai, traz pessoas e oportunidades, *likes* e *coments*; se repulsa, torna a caixa uma ilha. Minha arte me diz que é preciso quebrar a caixa. Como disse Boaventura de Souza Santos: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser

diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

Mas é triste ver que mesmo falando em arte, a força motriz com o potencial de mudar toda esta dinâmica excludente, vemos uma repetição de desacertos dos tomadores de decisão que difundem a arte no país, muitas vezes seguindo a dinâmica capitalista, encharcada de padrões e sensacionismo, cruelmente excludente, que citei há pouco.

Para estes, ofereço o mesmo que ofereço aos que amo – a minha arte – pois ela tem o único e legítimo intuito de apontar a sombra, fomentando a luz que existe em cada um deles, assim como ela fez comigo, e desta forma fazer renascer as ondas energéticas e partículas necessárias para uma rebelião.

Para finalizar, deixo aqui um breve texto de Renzo Novatore Arcola, de 1920, que extraí do clássico *Zona Autônoma Temporária*, de Hakim Bey. Ele resume um pouco do meu espírito de artista e para onde a minha arte me levou:

História, materialismo, monismo, positivismo e todos os “ismos” desse mundo são ferramentas velhas e enferrujadas que já não preciso ou com as quais eu não me preocupo mais. Meu princípio é a vida, meu Fim é a morte. Gostaria de viver minha vida intensamente para poder abraçar minha morte tragicamente. Você está esperando pela revolução? A minha começou muito tempo atrás! Quando você estará preparado? (Meu Deus, que espera sem fim!) Não me importo em acompanhá-lo por um tempo. Mas quando você parar, eu prosseguirei em meu caminho insano e triunfal em direção à grande e sublime conquista do nada! Qualquer sociedade que você construir terá seus limites. E para além dos limites de qualquer sociedade os desregrados e heroicos vagabundos vagarão, com seus pensamentos selvagens e virgens – aqueles que não podem viver sem constantemente planejar novas e terríveis rebeliões! Quero estar entre eles! E atrás de mim, como à minha frente, estarão aqueles dizendo a seus companheiros: “Voltem-se a si mesmos em vez de aos seus deuses ou ídolos. Descubra o que existe em vocês; traga-o à luz; mostrem-se!” Porque toda pessoa que, procurando por sua própria interioridade, descobre o que estava misteriosamente escondido dentro de si, é uma sombra eclipsando qualquer forma de sociedade que possa existir sob o sol! Todas as sociedades tremem quando a desdenhosa aristocracia dos vagabundos, dos inacessíveis, dos únicos, dos que governam sobre o ideal, e dos conquistadores do nada, avança resolutamente. Iconoclastas, avante! “O céu em pressentimento já torna-se escuro e silencioso!” (ARCOLA In BEY, 1920, p.).